



DO CUIDADO COM OS TEMPOS: ENTRE A CONSERVAÇÃO E A INOVAÇÃO

Enoque Marques Portes
Professor e pesquisador do
Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de São Paulo

RESUMO: Este artigo pretende tratar da relação entre inovação e conservação, assinalando principalmente as linhas de conflito que atravessam esses dois fenômenos. O texto tem por base teórica algumas ideias postuladas por Charles Perrault, propondo uma leitura filosófica que evoca Agamben, Borges e Nietzsche. Ademais, o texto discute as noções de presente e passado, memória e esquecimento, criação e preservação. Desses antagonismos emerge a problemática do cuidado com os tempos, um traço descritivo tanto do espírito inovador quanto do conservador.

PALAVRAS-CHAVE: Inovação. Conservação. Passado. Memória.

RESUMÉ: Cet article prétend traiter de la relation existante entre l'innovation et la conservation, notant en particulier les lignes de conflit qui parcourent ces deux phénomènes. Le texte a pour fondement théorique certaines idées postulées par Charles Perrault, et il propose en ce sens une lecture philosophique qui évoque Agamben, Borges et Nietzsche. Et en plus le texte aborde les notions de passé et présente, mémoire et oubli, création et préservation. De Ces antagonismes émerge le problème des soins avec le temps, un trait descriptif soit de l'esprit d'innovation soit de celui conservateur.

MOTS CLÉ: Innovation. Conservation. Passé. Mémoire.

Introdução

Lendo os *Parallèles* de Charles Perrault, esses desconhecidos diálogos publicados na última década do século XVII, inesperadamente vimo-nos atraídos pelo caráter exótico de suas assertivas, todas elas uma insistente miscelânea de retórica filosófica e apologética científica. Em meio a um turbilhão canhestro de argumentos que prometem provar a evidente superioridade dos modernos em relação aos antigos (notadamente gregos e latinos), não é possível negar que o tom apaixonado de tal empresa traz consigo um algo que dá a pensar. Ora, por que alguém se rebelaria contra uma suposta veneração aos antigos e um conseqüente desprezo aos modernos, e se prestaria ao trabalho de escrever páginas e páginas pontuando as desvantagens que aqueles têm em relação a estes? E se não bastasse pontuá-las, fazê-lo de modo minucioso na Poesia, na Retórica, na Arquitetura, nas Artes Mecânicas, etc.?

Essas interrogações nos acautelaram contra o apressado juízo de ridicularização que ameaçava tomar nossa língua contemporânea. Ali havia decerto uma ideia interessante a ser apreciada. Dentre toda aquela verborragia era possível desembaraçar um rico debate acerca dos tempos, naquilo que estes suscitam entre o novo e o velho, o antigo e o moderno, a memória e a vanguarda.

Perrault, em seus libelos, prescreve a supremacia do novo sobre o velho, e proclama a verdade da modernidade sobre a falácia da antiguidade. Ele pertencia ao partido daqueles que, no anseio pela legitimação do moderno, traçavam verdadeiras linhas divisórias entre tempos, erigindo complexos quadros retóricos imbuídos de elogiar a uns e vituperar a outros, segundo a posição que ali ocupavam. .

É este jogo de antagonismos que nos interessou para a escrita deste artigo. Falamos do cuidado com os tempos, e de como este inscreve nas obras do conhecimento rótulos tanto de legitimidade quanto de ilegitimidade. Deixamos para a história a virulência de Perrault e fomos à caça do que o seu intento reservava de mais filosófico. Quisemos capturar os ruídos anunciadores da novidade. Nas intrigas dos *Parallèles* encontramos as dificuldades epistemológicas do contemporâneo e a batalha entre a conservação pela memória e a inovação pela criatividade imaginativa. E se as encontramos, tal não se deu segundo o idioma de Perrault. Agamben, Borges e

Nietzsche foram os autores que nos impuseram a necessidade de estabelecer este diálogo. É com esses autores que atravessamos as ideias de Perrault, da mesma forma que é com as ideias de Perrault que atravessamos esses autores.

Apresentaremos esta problemática segundo quatro ramificações principais, a saber, (1) o discurso da novidade nega a afirmação conservadora segundo a qual toda nova criação seria inferior ao já criado e, por conseguinte, qualquer esforço imaginativo com o escopo do ineditismo seria em vão; (2) o discurso da novidade nega o grande apreço conservador pela memória prodigiosa, ao apontar que este acúmulo indiscriminado de conhecimento passado mitiga quer o pensamento, quer o ímpeto criador do futuro; (3) o discurso da novidade afirma a ousadia nascida da desmistificação do passado, a negação da sacralidade do conhecimento pela proposição de um certo utilitarismo das ideias, isto é, afirma que sua utilidade imediata é critério suficiente para mantê-lo ou esquecê-lo; (4) o discurso da novidade afirma que para criar o novo é preciso se descuidar dos tempos, ignorar em certa medida a cadeia de realizações ao longo das eras.

1) “Passou o tempo de conceber, imaginar e pensar qualquer coisa nova”.

Segundo um controverso postulado defendido por Charles Perrault, o amor ao passado é uma paixão que desvanece e torna estéreis as forças criativas da imaginação. Certamente, evocar o amor ao passado é também, em Perrault, evocar a figura do conservador. Presa desta paixão, este despreza tudo o que é inédito, não havendo novidade que valha o sacrifício de se despegar do que ofereceram os antigos tempos. Perrault se queixa de que esse conservador acredita que “Passou o tempo de conceber, imaginar e pensar qualquer coisa nova, ou de um modo que se mostrasse nova (PERRAULT, 1688, p. 142)”.

Pensar, imaginar, atitudes caras ao espírito inovador. Segundo esse quadro, aquele que pensa e imagina apresenta novas possibilidades de visão, diversifica o padrão das práticas humanas, confere-lhes o vivo sentido da atualidade. O simples ato de imaginar contesta o que já está dado, porque ignora a necessidade do estatuto presente. Não pode haver um critério capaz de justificar que o tempo de novas

imaginações tenha passado. Certamente nessa passagem Perrault alude a uma resistência que os conservadores teriam à ideia de ruptura. Significa dizer, por conseguinte, que Perrault pensa em seu próprio fazer intelectual como uma ruptura a algo que nada concebe, nada imagina, nada pensa.

Ora, o Literato então se colocará como parte de um novo ciclo. Ele é um inovador e se apresenta como tal. Isto é, alguém que descumpre os cânones da tradição sem se demorar nas implicações de sua atitude. Alguém que é rico de ideias e de ímpetos. Como o Presidente descrito nos *Parallèles*, aquela figura que se enriquece de suas próprias ideias:

Ele cuidou em cultivar seu próprio cabedal, e como esse cabedal é fértil, dele, por frequentes reflexões, retira mil pensamentos novos, que, à primeira vista, parecem às vezes um pouco paradoxais, mas que, sendo bem examinados, acham-se repletos de sentido e de verdade (IBID., p. 50-51).

A atenção do inovador está posta no processo criador, e por isso não atenta às vantagens já conseguidas, senão naquilo em que estas concorram ao seu avanço. Eis a sua máxima: vantagens são ganhos quantificáveis. Ele não se perturba com os amores feridos, as práticas milenares sob-risco de extinção. É nesse sentido que suas obras ganham um caráter de coisa atual, isto é, a coisa que ainda não se estabeleceu na consciência do presente como dado efetivo, mas paira sobre todas as coisas como ameaça de ruptura. É a obra nascida não da aspiração ao contínuo progresso, mas irrompida de uma perpétua ambição ao recomeço.

Aquele que julga já não ser o tempo de nada conceber não admitirá sequer um paulatino progresso qualitativo. Perrault fala como muitos homens de vanguarda que, para fazer a apologia de suas ideias, defendem que tudo o mais está exaurido. Cria para si um partido que se opõe a todo o estabelecido, porque acredita que suas ideias são absolutamente novas, e que se nelas for admitidos quaisquer elementos da velha escola, elas serão conspurcadas e perderão seu vigor. São ideais radicais de um inovador radical.

Para este inovador radical a tradição estampa a face do retrocesso. Por isso suas fabricações não estarão presas a preceitos de preservação. É a coisa pensada segundo o conceito do fluxo imediato do tempo, alheada de referências tradicionais consolidadas.

É a coisa imaginada e objetivada, sem que se tenha em séria consideração as cautelas do conservador, cujas ressalvas procuram incessantemente preservar e resistir.

O inovador, quando se depara com o fazer tradicional, considera-o impositivo. Decorre daí sua insurreição, ao acusar a tradição de todos os prejuízos ao conhecimento. Porque o pendor conservador à manutenção será também um descaso às novidades imaginativas. Ele conhece somente a imaginação que já se tornou ícone de reverência. Isto é, conhece a imaginação cristalizada pelos tempos, aquele dado já efetivado e inscrito nas grandes obras dos gênios antigos. Nesse sentido, o conservador faria somente a apologia da preservação da manifestação viva de um tempo superior, de uma imaginação mais rica, com a qual nenhuma novidade moderna poderia rivalizar. Perrault se insurge contra a ideia de que acessar o passado é fonte de privilégio. Esses supostos privilégios se transformam em um gosto pernicioso, e por fim os antigos são tão incomparáveis, “que já era um privilégio apenas concordar com esses grandes gênios, e de nossa parte não restava senão a glória de penetrar em seus pensamentos e de nos enriquecer dos preciosos tesouros com os quais a natureza lhes foi tão liberal (IBID., p. 142-143)”.

O conservador, na perspectiva de Perrault, não se interessa por aquilo que não se pode avistar de um ponto recuado. Não confia nas visões aproximadas, naquilo que deve ser visto ainda em curso. Em suma, não confia nas produções presentes. Somente o que está consolidado inspira certeza. Pois, no que está consolidado é possível decifrar e interpretar. Todos os elementos estão postos, e se pode depreender os desdobramentos e as causações. O objeto está bem fixado. Cada pormenor, ainda que de difícil apreensão, está liberto das contingências de mudanças abruptas.

O paralelo é traçado aqui entre o tempo atual e o tempo dado. No tempo atual, essa fração de tempo na qual o próximo instante já é o futuro, um pormenor é a coisa de menos confiança que se conhece. Agora pode ser apenas um indício, e em seguida um grande desdobramento. Uma ínfima exalação de fumaça, pormenor quase invisível, pode prenunciar um incêndio devastador em horas posteriores. Como fundar uma ciência sobre circunstâncias tão indignas de confiança? O conservador faz do passado sua ciência porque nele é possível encontrar um rumo certo. Aristóteles, para ele, explicou e compreendeu todas as coisas. Lá, em seus escritos, as proposições estão bem assentadas e cristalizadas. É possível rastrear os desdobramentos e as ramificações de todas as ideias, e traçar o caráter genial de sua produção. É possível admirar o sentido

de totalidade de seu pensamento. Ele pode ser composto como uma narrativa que contempla início, meio e fim, tudo segundo o gosto do intérprete. Lá, as ínfimas exalações de fumaça já se transformaram em incêndios, e os incêndios há muito foram debelados. Agora há paz para se contemplar as marcas deixadas por essas grandiosidades, por esse extinto poder de revolução.

Muitas vezes Perrault se refere nos Paralelos ao trabalho típico do conservador como sendo aquele de desvendar e elucidar passagens obscuras. Por exemplo, segundo o autor, os intérpretes dos antigos

Se extravasam em louvores imoderados sobre o mérito de seus autores e veem como oráculos as passagens obscuras das quais nada entendem. Que tortura eles infligem a seus espíritos para encontrar nessas passagens a explicação, quantas suposições fazem para encontrar ali algum sentido razoável (IBID., p. 61).

Em outro momento, Perrault diz que os eruditos “se entusiasмам unicamente por uma explicação verossímil de uma passagem obscura, ou por uma restituição bem sucedida de um trecho corrompido (IBID., p. 26)”. No mesmo sentido, ao falar que seria bem mais reconhecido se trabalhasse como os eruditos, ele descreve como seria seu trabalho, afirmando que teria que ser muito estúpido “se entre os diferentes sentidos que podem receber os trechos obscuros de uma obra confusa e embaraçosa, eu não pudesse ali encontrar alguns que tivessem escapado a todos os intérpretes (IBID., p. 27)”. Ou seja, o conservador trabalharia com coisas mortas e já incompreensíveis. Seu esforço seria despendido somente em vivificá-las, e nisso consistiria todo o seu contentamento. Um trabalho inócuo.

Para o inovador, todavia, a vivacidade existe somente no fluxo atual do tempo, nessa matéria que se transforma a cada fração de tempo e está repleta de imaginações até então insuspeitas. Os homens que ainda vivem e são ativos estão sujeitos às mudanças. Seu desenvolvimento é claudicante. Dizem e desdizem, porque pensam vivamente, e não conhecem o fim de suas narrativas intelectuais. Sua obra não oferece uma grande lista de pormenores entrelaçados como a de Aristóteles. E é simples a razão de tal. É que esses pormenores são modificados constantemente. Mal começam a se cristalizar, o homem contemporâneo, que é vivacidade em constante mutação, interpela-os e duvida de suas asserções. Ele reflete sobre sua obra, e por isso ela nunca está terminada.

O tom de Perrault contra o fazer conservador diz respeito à presunção deste último de caminhar no próprio passado. Para alcançar todo o conhecimento ele embrenha pelas dificuldades daqueles grandes autores e de lá nunca mais irrompe. Permanece presa daqueles caminhos intrincados. Ali, supõe residir a vida e o sentido do tempo presente. Para ver o futuro ele olha para trás. Mas o que ele venera são marcas e arquivos. Não há sequer um resíduo de fuligem antiga com o que se sujar. Vive de memórias conquistadas e fixadas por meio dos resquícios do passado. De cada resquício — seja um verso esparso, seja um fragmento de cerâmica — ele construirá um conjunto infinito de nuances. Cada objeto será intensificado até que subsista independente, como que uma coisa ensimesmada, com contexto imanente, alheada do mundo. Ele será capaz de passar toda uma vida avaliando aquele objeto sem que dele nunca alcance uma compreensão que considere satisfatória.

Talvez resida aí algo que mereça verdadeiro destaque no pensamento de Perrault: Ora, o conservador julga que seu trabalho de recuperação não é uma obra de constituição ou invenção, antes, a própria reconstituição de algo que existira precisamente como ele apresenta agora. É nisso que consiste o caráter supersticioso de seu trabalho. Se ele simplesmente afirmasse que todo o edifício antigo é na verdade uma possibilidade, uma invenção moderna com elementos recuperados, então a censura seria atenuada. Porém, nessa suposta viagem intensa ao passado, ele deseja abandonar a si mesmo como sujeito do presente, e agir como o memorialista que anseia a todo custo intervir o menos possível nas memórias que relatará. Ele vive para reviver, porque o que ele descobre traz a satisfação da coisa que estava perdida e foi reencontrada.

2) A memória prodigiosa aniquila as forças criadoras.

Esse enriquecimento do conhecimento por meio de memórias recuperadas enseja, por fim, o aniquilamento do próprio ímpeto ao conhecimento. A literatura nos oferece a alegoria perfeita para o desenvolvimento dessa ideia. No conto Funes, O Memorioso, de Borges, lemos o resultado escabroso a que uma memória prodigiosa pode conduzir. É narrada a história de Funes, um indivíduo que, por uma fatalidade, passou a se prender aos detalhes de todas as coisas, e a não esquecer nenhum. E não só

aos detalhes superficiais, mas às sensações que se inscreviam nessas lembranças. E se prendeu a tantos pormenores, que não era já capaz de abstrações, de generalizações.

Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos (Borges, 2007, p. 108).

O apreço excessivo pela fixação de conhecimentos, segundo nos relata essa narrativa fantástica, enrijece a faculdade do pensamento. Funes aprendia com facilidade as línguas, mas não podia falá-las a contento. Pois para ele cada coisa era uma espessura infinita de detalhes.

Em outra passagem, Borges nos conta que Funes “Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, já tinha requerido um dia inteiro (IBID, p. 105)”.

Na exacerbação da literatura, Borges indica os rumos que este conservador radical parece ansiar se aproximar sempre mais. Ele anseia pela captura crescente de detalhes. Mas o preço dessa captura parece ser justamente a impossibilidade de trabalhar todo o material, de compô-lo e estruturá-lo. Ele, por fim, vive os pormenores do tempo em suas mais ínfimas nuances, aquelas nas quais a memória corriqueira nunca se atém seriamente. Uma palavra, um traço, não são meras hachuras mudas. São intensas histórias de sensações. Funes reviveu todo um dia em sua memória. Naturalmente, para essa tarefa, como diz Borges, fora necessário todo um dia.

A intensificação do passado compromete a consciência temporal. Funes não admitia ser condição intrínseca ao tempo o devir e, portanto, a todos os seus fluxos a devenida. Ele o vivia sempre no passado, porque, para captar cada minúcia que o olhar do tempo atual não é capaz, preferia recordar segundo as intensidades de sua memória. Preferia, por assim dizer, viver numa estabilidade cognitiva. De fato, o passado, para aquele que supõe revivê-lo, é uma estabilidade capturável e pronta a ser apreendida. A memória é um dado, e este permanece pronto à captura. É um dado, para melhor explicar, no sentido em que já está propício ao conhecimento minucioso, pois já não está em curso nada que o atualizará. As memórias supostamente compõem um arcabouço de dados positivamente disponível. O passado ganhará essa mesma

positividade epistemológica. Ele é uma grande massa de memórias estabilizada. Nesse sentido, o passado não é percebido pelo conservador radical segundo o signo do que está morto, mas segundo o estatuto do que está esquecido. Eis aí uma substancial diferença. Se é preciso associar o esquecimento à morte, dir-se-á que ela será o absoluto esquecimento, estatuto que o conservador nega ao passado. Para ele, como para Funes, o esquecimento será sempre em relação a um lapso imperdoável nas faculdades daquele que deveria se lembrar.

No tempo atual, por sua vez, a captura sempre será superficial. O agora está em movimento, e no movimento não são apreendidas as complexidades de sua constituição, pois elas se ajustam e se reajustam incessantemente. Tal como um grande volume de águas sujeito a um desfiladeiro pedregoso e estreito, no qual são imprevisíveis os cursos e as ondulações, cada instante possibilita uma nova composição. De modo que para Funes e para todo conservador, esse movimento não é verdadeiramente vivaz. consideram haver vida onde há profundezas. O conhecimento se dá pela absorção passiva. Funes, para recordar todo um dia, naturalmente foi obrigado a permanecer inativo e meditabundo durante as 24 horas. As imprevisibilidades atuais apenas o desviariam de seu trabalho. Ele se engajava em reviver todo o conjunto de imprevistos e distrações que tomam um sujeito durante um dia. Os pensamentos interrompidos, as reflexões malogradas, as fúrias e as conversações desatentas, as sensações frustradas por necessidades súbitas, etc. Tudo o que naquele dia ordinário fora talvez indigno de recordação, é recuperado precisa e literalmente. Estas indignidades corriqueiras são agora deglutidas como inteirezas dadas, isto é, como ocorrências mnemônico-sensórias coroadas. Por exemplo, da dor de ter se ferido com uma agulha, ele recordaria em toda sua intensidade a pulsação da picada, mas o sangue não brotaria outra vez. É nesse sentido que seria uma recuperação intensa de um dia, mas já estabilizada. Certamente, a memória de Funes não poderia julgar o que recordava, porque se engajava absolutamente ao ato de recordar.

Para se recordar, sem permitir que nada escape, não pode intervir aí algo como uma faculdade de julgar. Funes, ao mesmo tempo em que, em seu repouso inativo, revivia todo um dia, nunca poderia antever o gozo de uma determinada memória ou a tristeza causada por outra. Essas ocorrências o afetariam novamente como se tratassem de fatos inéditos. Se algum juízo próprio interviesse nesse processo, Funes então deixaria de recordar e passaria a pensar.

Não obstante, ele sentiria com mais intensidade tudo o que a fisiologia de seu corpo obscureceu ao obrigá-lo ao esforço de se movimentar e coordenar seus membros. Agora ele poderia sentir cada minúcia de sensação que, por exemplo, o ato de erguer o pé obnubilou. Sua memória seria recuperada numa completude visceral. O próprio ato de erguer o pé já seria ele mesmo uma memória censória. Nada menos que a perfeita passividade contemplativa. Liberar o corpo para sentir as memórias sem que concorra com elas nas intenções e ações.

Nesse contexto de intensa recuperação, o conhecimento do tempo atual é possível plenamente apenas quando se cristaliza e se torna memória capturável. Volta-se ao passado com a esperança de lá haurir uma intensidade de conhecimento num registro muito semelhante àquela conseguida por Funes. De modo que, quando o inovador se apropria desses objetos e os subverte, o conservador o considera um leviano, um frívolo, um desmemoriado. É como Funes, que considerava a memória ordinária dos homens um arremedo.

Com efeito, a memória do inovador é mesmo fragmentária, seletiva em suas recuperações. Seu desejo é perseguir o instante presente. A vivacidade não está nas profundezas apreendidas, mas na construção ativa do instante. Ele quer se adiantar, como se vivesse no futuro. Ele reconhece o paradoxo do tempo. O vivido é sempre o passado, e o presente é a face do ainda não, do que está prestes. Agamben resumirá tal paradoxo, ao dizer que

[...] o presente não é outra coisa senão a parte de não-vivido em todo vivido, e aquilo que impede o acesso ao presente é precisamente a massa daquilo que, por alguma razão (o seu caráter traumático, a sua extrema proximidade), neste não conseguimos viver (Agamben, 2009, p. 70).

O viver, isto é, a atualidade do vivido, é, por sua natureza, inacessível como efetividade dada. Para viver propriamente o agora é necessário fugir ao domínio temporal, andar à frente das garras do tempo. O inovador habita esse interstício paradoxal. Se ele se estabiliza e pretende apreender um instante em sua totalidade, o tempo o engole e ele já exerce o projeto do conservador. Seu olhar estará voltado para fora do que já se deu. O inovador volta seu olhar para aquilo que habitualmente diz-se a vida presente. No entanto, ter o olhar voltado para esse presente implica não participar de seu movimento. Ele está atento àquilo que ainda não é um objeto percebido, vivido,

experimentado. “A atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo (IBID., p. 70)”. Ele deseja o objeto que está em vias, mas que ainda não é. Aquilo que está em vias de aparecer tanto quanto está em vias de nunca existir. Trata-se do registro quase indizível das coisas possíveis, isto que ainda não habitou o campo de imanência dos juízos valorativos.. De modo que ser inovador significa, nesse sentido, “voltar a um presente em que jamais estivemos (IBID., P. 70)”. Porque quando ele abandona os dados e parte para o fluxo movediço do instante, ele habita um registro desconhecido, no qual os objetos são apenas vislumbres fugidios. Ele lida com o insólito, com aquilo que no futuro será as fabricações do tempo presente. No fluxo do viver, todas as coisas são possíveis, pois as raízes e as ramificações não são atributos cognoscíveis. A natureza deste trabalho consiste em modelar os objetos segundo sua aparição, não segundo sua constituição. Somente no tempo vivido é possível falar em consistência e fidelidade, em verdade e convergência. Para o olhar voltado ao fluxo do viver, estas categorias são subordinadas a uma força avassaladora de criação. O ímpeto criativo incide sobre os objetos que ainda são cintilações fugidias e os marca com sua intencionalidade ignorante de tempo e tradição. A obra do inovador nasce fora do tempo, porque no tempo todas as coisas são enraizadas e evocam uma longa cadeia de transformações mínimas. No fluxo do instante, este presente sem passado, todo objeto é fonte de espanto e passível de transformação radical.

3) Da ousadia.

Em nome da criação profícua, o inovador postula que a atenção cuidadosa ao passado deve ser atenuada, pois a grande memória histórica torna estéreis as forças criadoras. Como no estado de eterna revisitação de Funes, a erudição histórica se sustenta sobre uma memória prodigiosa e tem os olhos voltados para trás. Na visão de Perrault, ter como fundamento epistemológico uma memória prodigiosa desencoraja os homens, desilude seus ímpetos de transformação. Nada pode ser mais danoso aos jovens escolares do que uma educação fundada nesse princípio, pensará ele. Segue-se por isso a advertência que faz aos mestres escolares. “Em consideração aos jovens que estudam, desejaria eu que depois de conduzi-los até às últimas classes em uma profunda veneração pelos antigos, quando o seu juízo fosse formado se comesse a lhes mostrar

o forte e o fraco (1688, p. 151)”. Por que lhes fazer ver as fraquezas e as fortalezas de seus objetos de estudo?

Esse é um novo compromisso, uma nova fórmula de ensino. Ela ensinaria não a história dos autores, mas o conhecimento. É a educação que desautoriza os homens, que os considera sempre passíveis de erros. Para esta educação não há personalidade que esteja incólume. Não é, porém, a educação para o fracasso, para o desânimo. Ferir os sentimentos de veneração dos jovens proporciona algo de superior e de mais estimável. Depois que se apontasse aos jovens as falhas e fortalezas dos modelos, que se insinuasse a eles “que é possível não somente igualá-los, mas às vezes ir além, ao evitar os maus caminhos em que caíram (IBID., p. 151)”, um novo horizonte de conhecimento se abriria. Somente o conhecimento que se desencanta dos modelos grandiosos pode gerar a acurácia. Somente quando o caráter de veneração é abolido ou ao menos atenuado, é possível enxergar o conhecimento científico para além do cientista.

O conhecimento não se encerra nas idiosincrasias do cientista. Este último, por sua personalidade, sua biografia inconfessável, busca inúmeras vias e estuda diversas ideias. Suas descobertas alcançam as alturas de seus interesses. Mas há tantas lacunas. Há limites de percepção, teimosias incompreensíveis, erros que persistem no intrincado de relações do seu pensamento, que serão solucionados somente se um crítico se apossar daquele material e avaliá-lo sem a condescendência do admirador.

Para não se incorrer repetidamente nas falhas dos mestres, é preciso conhecê-las. Conhecê-las, de fato, mas não como conhecimento erudito. É preciso conhecê-las em seu caráter inglorio, sem a virtude deificada do objeto de veneração. Perrault pensa que é preciso enfatizar esse caráter de erro, enunciando as impropriedades sem os típicos eufemismos dos que veneram.

Há um sentido crítico-analítico nessa proposição. A ciência do conservador gera o enrijecimento do senso crítico. Ele passa a amar os detalhes, e todos são indispensáveis.

A ciência do inovador ensina aos jovens a arte da desmistificação. Serão ensinados a agir e fazer. Porque, complementa Perrault, “se é perigoso desenvolver nos jovens a presunção, é ainda mais perigoso lhes abater a coragem, ao dizer que eles nunca se aproximarão dos antigos, e o que farão de mais belo estará sempre abaixo do que há de mais medíocre nas obras daqueles grandes homens (IBID., p. 151)”.

Parece que, quando Perrault assinala o aspecto funesto da presunção, está confrontando justamente um valor caro à ciência dos conservadores. Ora, nos cânones dessa ciência, nunca um homem é suficientemente capaz. Nunca o passado é suficientemente conhecido. De modo que o pior dos pecados é presumir tudo saber. Aos jovens se ensinará a contínua autoanulação. E ela é ensinada quando se lhes aponta a grandiosidade da obra dos antigos, o conhecimento minucioso e sistemático do que eles pensaram. A enormidade desse conjunto de conhecimento sempre infunde nos estudantes um constante sentimento de que nunca se conhece o bastante, de que tudo que eles mesmos supõem de antemão como verdade logo é contestado com uma ideia brilhante de algum gênio antigo. Donde se segue que ensinar a ciência da crítica é ensinar o pecado da presunção. Pois homens presunçosos pensam saber o que ainda não sabem, e deixam preciosidades por aprender. Na ciência do conservador a presunção é um grande inimigo de seu método. Se ele se tornasse presunçoso e dono de si, e se considerasse conhecedor consumado do passado, sua ciência paulatinamente entraria em colapso. Essa ciência vive da contínua decifração. A presunção limita tais decifrações e arrefece o amor ao passado, pois o cientista teria mais amor para consigo. Ainda que ela se enfeite de grandes eruditos, de homens austeros e meticulosos, não há em seu corpo de saber o enfascio. Há sempre mais. O conservador não presume o que ainda desconhece. Esse é um pecado que depõe fortemente contra sua arte. Seu orgulho reside em apontar com precisão as fontes, e ele se enche de um conhecimento sempre mais fiel às ramificações.

Esse contínuo aprimoramento da memória, essa busca incansável pelo aprofundamento no conhecimento dos antigos é, para o inovador, a própria face da pusilanimidade. Porque é através da pusilanimidade que persistem os erros. Só o pusilânime considera as fragilidades de um objeto como traços elogiosos. Ele presta um grande desserviço à ciência. Faz com que melindres absolutamente estranhos ao trabalho do cientista persistam como mecanismos necessários à investigação. Os homens do presente devem ensinar o desprendimento, o anseio pela superação. Fontenelle aconselhará: “se os grandes homens deste século tivessem sentimentos caridosos pela posteridade, eles a advertiriam de não admirá-los em demasia, e sempre aspirar ao menos igualá-los (Bouyer de Fontenelle, 1728, p. 160)”.

Não o ensino das minúcias desimportantes, da história infundável das relações, do relato inócua de convergências e distanciamentos. Para a valorização da nova

ciência, somente aquelas descobertas que subsistem independentes de sua inerência com ideias notadamente frágeis merecem a consideração do cientista. Cada homem produz sua ciência, mas todos devem concorrer para o progresso. Certamente, este progresso conta em sua esteira com o signo da ruptura. De modo que nenhum autor deve ser apreciado em demasia. “nada detém tanto o progresso das coisas, nada limita tanto os espíritos quanto a admiração excessiva aos antigos (IBID., p. 160-161)”.

Em sua ingenuidade conceitual acerca do progresso, Perrault parece prenunciar o positivismo científico que tomou os séculos posteriores. Ao estabelecer que o progresso é alcançado através do descarte, da paulatina erradicação dos erros, ele supõe existir uma verdade exterior, positiva, alheada das inclinações humanas. O novo exibirá a efigie do melhor, e a razão — um dispositivo imparcial — terá o estatuto de única ferramenta de superação do velho — ou o *pior*. Mas se é ingênua sua vinculação causal entre o uso de uma certa razão e o progresso pela inovação, ele parece também prenunciar o inovador como aquele que em sua contemporaneidade inscreve suas obras num tempo distinto daquele da tradição. Tratar-se-á de um tempo quase ausente de espessura, quase uma unidimensionalidade, a fugacidade perpétua do melhor, cuja inscrição nunca se dará no acúmulo, na estabilização, mas na sucessiva decodificação. Seguir-se-á daí que Este inovador criará para suas obras um valor de excelência. De fato; parece tratar-se de uma valoração que se esquivava das vicissitudes da história e quer se insinuar em uma maquinaria apontada para o futuro. Por isso talvez não seja um total despropósito o uso do termo criar. Criar a excelência é conjugá-la com uma nova inclinação moderna a valorar como melhor aquilo que pode ser movido e forjado com a agilidade e a liberdade dos grandes espaços ainda não povoados pelas valorações autoritárias dos tempos.

4) o grande inovador tem a vista enevoada.

O espírito conservador recusa, de certo modo, a finitude das coisas. Nietzsche aponta para sua aspiração à imortalidade. “O fato de que algo envelheceu dá agora ensejo à exigência de que ele precisa se tornar imortal (2003, p. 29)”. E por que há tal exigência?

Pois quando alguém calcula tudo o que uma tal antiguidade - um hábito antigo dos pais, uma crença religiosa, um privilégio político herdado - experimentou em meio à duração de sua existência, qual soma de piedade e veneração por parte do indivíduo e das gerações, então parece arrogante ou mesmo vicioso substituir uma tal antiguidade por uma novidade, para contrapor a esta acumulação numérica de atos de piedade e veneração aquela do que devém e está presente (IBID., p. 29).

O espírito da novidade terá o caráter da arrogância aos olhos do conservador. Não é lícito, pensará este, que a longa cadeia de realizações estabelecida por tanto sofrimento e lutas individuais, regida pela força e pela habilidade de tantos discursos seja posta por terra por um simples ato de inclemência inovadora. A aspiração à imortalidade, assim, nunca é um contrassenso. Ao contrário, é a própria virtude da humanidade, espírito de responsabilidade e cuidado com os tempos.

Ora, essa batalha pela imortalidade é também a batalha pela manutenção, pelo acomodamento das coisas. Não serão permitidos os movimentos bruscos característicos da renovação. A tradição representa o tempo não tanto como a sucessão de períodos, mas como o registro mais ou menos paralisado de coisas sobrepostas. Não há propriamente um presente, isto é, esse instante pouco codificado ainda tomado de futuro. Ao contrário, este conceito de presente é uma ideia de pouca concretude, uma espécie de vício da linguagem, empregado para designar a percepção momentânea que contempla todas as realizações dadas. É o conjunto de tempos passados estabilizado e luminoso como numa vitrine de butique.

Apreciar a imortalidade é apreciar em demasia a estabilidade, como denunciara fortemente Nietzsche no decurso de sua Segunda Consideração Intempestiva. A imortalidade é a conservação intransigente. Em nome dela o tempo será enrijecido e cristalizado, como um enorme animal empalhado, admirado pela vivacidade de sua ferocidade, mas esta já é uma vivacidade ilusória, fria e distante cintilação de vida. Esta será a conclusão nietzschiana: a conservação intransigente se interpõe às aspirações vitais. Ela conserva as realizações, mas interdita, concomitantemente, novas realizações.

O conhecimento excessivo dos tempos é como que um imperativo inelutável ao número infinito de realizações grandiosas que se abre ao olhar. Aquele que muito conhece se encanta com as possibilidades inesgotáveis de visões, e então se esquece de si e de sua própria vitalidade criativa. Para se viver ativamente será preciso então um elemento de desconhecimento, um horizonte baço de visões fantásticas. Nas palavras de

Nietzsche, o homem encontra a si mesmo somente quando, no interior dessa névoa de desconhecimento surge “um feixe de luz muito claro, relampejante, ou seja, somente pela capacidade de usar o que passou em prol da vida e de fazer história uma vez mais a partir do que aconteceu (IBID., p. 12)”. A criação deve nascer da névoa, da pouca visão, do horizonte curto. O excesso de visões ou, na terminologia nietzscheana, o excesso de história, condena o homem à eternidade contemplativa. Ele, que primeiro amava as raízes porque nelas se reconhecia como parte de um plano de pertencimento, perde essa piedade e adentra a um excesso de conhecimento que o paralisa e o torna ensimesmado naquilo que recupera:

Neste momento a piedade se debilita, o hábito erudito continua subsistindo sem ela e gira de maneira egoisticamente auto-satisfeita em torno de seu próprio eixo. Então se oferece aos olhos o espetáculo repulsivo de uma ira coletiva cega, de um incansável ajuntamento de tudo o que um dia existiu. O homem envolve-se com um cheiro de mofo; através da mania antiquária, ele consegue mesmo reduzir uma disposição mais significativa, uma necessidade nobre, a uma sede insaciável por novidade, ou, mais corretamente, por antiguidade, e por tudo e por cada coisa; frequentemente ele desce tão baixo que acaba por ficar satisfeito com qualquer migalha de alimento e devora com prazer mesmo a poeira de minúcias bibliográficas (IBID., p. 28-29)

É preciso pois o elemento do a-histórico. Sem essa postura afirmativa e metodologicamente desinteressada o homem “nunca teria começado e jamais teria ousado começar. Onde encontramos feitos que puderam ser empreendidos pelo homem sem antes imiscuir-se naquela névoa espessa do a-histórico? (IBID., p. 12)”.

A criação surge de um interesse. Emerge da percepção de uma possibilidade vislumbrada. O rigor do conhecimento minucioso interdita tais visões súbitas. O mundo segue impávido, um conjunto estável de fabricações já bem consolidadas. É do desconhecido que surge a possibilidade do conhecimento.

O conservador parece desejar romper com essa inferência lógica. Ele pretende o controle conceitual de todas as contingências, de modo a assinalar em cada evento seu fundamento histórico e sua necessidade já esperada. Ao conservador não há acontecimentos, mas a consciência presente do acontecido. Não há feixes de luz em meio à escuridão do desconhecido, mas a cegueira do neófito ou do parvo que, pela incapacidade intelectual de compreender as conexões, faz com que a coisa mais recorrente se torne em fulguração súbita. Mas essa busca pelas conexões é sempre um

retorno ao conjunto de realizações passadas, ao que já se estabeleceu e é cristalizado e inflexível.

Todo vivente necessita de uma atmosfera à sua volta, de uma névoa completamente misteriosa; quando lhe retiramos este invólucro, quando condenamos uma religião, uma arte, um gênio, a girar como um astro sem atmosfera: então não devemos nos espantar mais se ele rapidamente se tornar árido, rígido e infrutífero (IBID. p. 61).

Está posto o grande paradoxo da ciência conservadora. Seu espírito resiste ao próprio fluxo das coisas. Venera o fluxo de tempos passados, mas não concebe a possibilidade de que o fluxo de seu próprio tempo repele, de certo modo, tal veneração. É nesse sentido que o conservador se recusa a apreender corretamente os tempos. Ele quer transportar o passado ao presente e ao futuro, e fazer como que um tempo único e imóvel. O tempo da imortalidade. Ao imortal nada é efetivamente relevante. Todas as coisas se constituem da mesma matéria, todas elas registros idênticos. Sem o impulso dos tempos, o plano das coisas é reduzido a um conjunto estéril de mesmidades. Entre perder e ganhar não reside nenhuma diferença. Aquele que perde, perde somente provisoriamente, pois o que perdeu está dado e pronto ao novo encontro. Como se trata de um tempo sem fluxo, e as coisas se configuram como espessuras superpostas, a inovação é sinônima do resgate, do encontro feliz de algo amontado e oculto. O espírito conservador postula que tudo está dado.

No entanto, o inovador poderá interrogar, o que são os tempos? São, com efeito, fluxos de contingências. O agora é um incontável de imprevisibilidades, de possibilidades fugidias. Não se podem apreender tais contingências pretendendo o caráter da estabilidade. Aquele que as estabiliza, faz a conservação, ao enrijecer seu movimento em direção ao desconhecido do fluxo. Viver no fluxo do tempo implica, como assinalamos junto a Agamben, apreender esse fluxo de contingências em sua vivacidade mesma. É trabalhar com o que ainda não é efetivamente, mesmo com o risco permanente de se incorrer em torpezas ou, pior, em monstruosidades.

Conclusão

O espírito inovador, com suas impiedades e seus desmandos inerentes, apreendeu a voracidade do tempo. É daí que se insinua seu caráter de desencantamento.

Para viver e fazer, é necessário não se iludir com os tempos, não apreciá-los em demasia. A apreciação demasiada implica sempre no esforço da estabilização para a contemplação detida. Mas essa contemplação tende muitas vezes ao desprezo do fluxo que produziu seu objeto. De modo que ela recai num cuidado piedoso com a coisa contemplada. Para que algo seja efetivamente relevante, é necessário que seja investido de um caráter impiedoso de coisa nova, que sobrepuja as antigas realizações e as anula em certa medida. O inovador se desvencilhará das amarras lançadas pelo amor às realizações passadas. Será um homem de ação, distraído em suas memórias, porque se interessa pelo que pode produzir, e não pelo que está produzido. Ele nunca é um grande erudito. Não conhece a contento os tempos. Se adentrasse a esta teia infinita os inúmeros recessos o envolveriam. Não poderia retornar a seu foco inicial. O que para o conservador é uma natureza arrogante, para o inovador é uma consciência bem orientada e muito necessária. Sua impiedade não se caracteriza pela mera iconoclastia, pelo espírito de destruição e vandalismo. Ele quer produzir, quer agir em seu tempo. Mas a produção implica em alguma medida de destruição e esquecimento.

O conservador trabalha com o fragmento, e com ele espera reconstituir o mundo. Mas essa esperança é perdida em meio ao seu trabalho. O detalhamento consome todo o seu ânimo, e ele por fim se esquece do mundo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O Que é O Contemporâneo? E Outros Ensaios*. Chapecó: Editora Unochapecó, 2009.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2003

PERRAULT, Charles. *Parallèle des Anciens et des Moderns em Ce qui regard Les Arts et Les Sciences, tome premier*. Paris: Chez Jean Baptiste Coignard, Imprimeur & Libraire ordinaire du Roy, 1688.